

Justiça Federal condena CSN a entregar documentos da ditadura

Acesso a esse material, segundo a Justiça, vinha sendo restringido pela companhia há décadas, mesmo após a privatização; empresa nega

do Arquivo Nacional

Fotos: Acervo Sindicato dos Metalúrgicos



Tanques do Exército tomaram as ruas de Volta Redonda na época da greve em 1988

estejam acessíveis de forma clara e responsável, fortalecendo o diálogo com a sociedade e com seus diversos públicos".

O que a decisão determina

A decisão determina que o Arquivo Nacional faça nova visita técnica à empresa em até 15 dias, para orientar o tratamento do acervo destinado à guarda permanente. Já a CSN deverá liberar acesso a todos os locais onde estejam guardados documentos anteriores à privatização, e será responsável por identificar, classificar e avaliar o material, seguindo diretrizes do órgão federal e arcando com os custos. O MPF poderá acompanhar todas as etapas.

Na sentença, o juiz Frederico Montedonio Rego afirmou que cabe ao poder público garantir a preservação da memória nacional e classificou como inconstitucional a prática da CSN de tratar como privados documentos produzidos quando ainda era estatal.

Resposta da CSN

Em nota, a CSN afirmou que "já disponibiliza acesso ao seu acervo documental histórico pré-privatização, reafirmando seu compromisso com a transparência e com a liberdade de informação". Segundo a empresa, o material é preservado por uma coordenação exclusiva, responsável por manter a integridade da documentação.

A CSN declarou ainda que segue "empenhada em assegurar que dados de interesse público



Greve de 1988 na CSN deixou três trabalhadores mortos

nal a prática da CSN de tratar como privados documentos produzidos quando ainda era estatal.

Em trecho da decisão, o magistrado escreveu que a empresa se tornou "senhora da memória e do esquecimento", ao limitar o acesso a registros que contam parte da história de Volta Redonda, do estado do Rio e do país.

Além da disputa institucional, a sentença cita investigações que apontam possíveis violações de direitos humanos cometidas dentro da companhia durante o regime militar. A abertura do acervo, segundo o juiz, é fundamental para garantir o direito à memória, verdade e justiça, reconhecido pela Corte Interamericana de Direitos Humanos, e para evitar que violações semelhantes se repitam.

Por Alexia Sousa - Folhapress

1988: Um ano que Volta Redonda nunca vai esquecer

Por Erlon Couto (PSTU), 2020

Trabalhadores Metalúrgicos.

Volta Redonda (RJ) surge junto com a primeira usina siderúrgica do Brasil que moldou o perfil do operariado nacional. Milhares de jovens trabalhadores rurais, predominantemente negros e negras, vieram do sul de Minas Gerais e arredores para construir a Companhia Siderúrgica Nacional e a cidade do aço no final da Era Vargas.

O distrito foi emancipado

em 17 de julho de 1954, e em 1973 a cidade foi declarada pelo governo federal da ditadura militar área de segurança nacional, situação que perdurou até 1985.

A cidade em 1988 possuía

180 mil habitantes aproximadamente e era um caldeirão político que se dinamizava e se diversificava nas Associações de Moradores, nas CEB's (Comunidades Eclesiais de Base), Pastoriais Sociais, o movimento estudantil, os Coletivos de Posseiros Urbanos, partidos e sindicatos, sendo o mais importante o Sindicato dos



Memorial 9 de Novembro, na Praça Juarez Antunes, homenageia operários mortos durante confronto com exército

mantém-se irredutíveis e determinados a garantir suas reivindicações sendo a mais emblemática paralisação. Na CSN o exército reprime os trabalhadores que são obrigados a retornar aos trabalhos no final da tarde. Era preciso dar um basta a essa repressão.

O exército e seus batalhões do centro sul fluminense são mobilizados em uma caravana de guerra que envolveu, blindados, tanques, artilharia, dezenas de soldados e um efetivo truculento de policiais militares que invadiram e fechavam o comércio,

Reprodução/Wikiloc

Quando o exército invade a usina o enfrentamento é inevitável e o saldo trágico: centenas de operários feridos e três jovens metalúrgicos brutalmente assassinados, Carlos Augusto Barroso, 19 anos; Valmir Freitas Monteiro, 22 anos; e William Fernandes Leite, 23 anos.

A comoção na cidade foi generalizada e algumas assembleias e atos se tornaram inesquecíveis, como a missa campal em que a população bradou "povo unido jamais será vencido" e o ato do sindicato em que foi entoado e cantado a Internacional Comunista por centenas de pessoas que ocupavam as ruas. A tragédia ficou conhecida como o "massacre de Volta Redonda".

Em 1º de maio de 1989 foi inaugurado o Memorial 9 de Novembro, um monumento projetado por Oscar Niemeyer em homenagem aos três trabalhadores mortos na greve de 1988.

Foi implodido no dia seguinte por elementos de extrema-direita ligados ao Exército. Os trabalha-

dores e o sindicato recuperaram o Monumento 9 de Novembro, deixando vestígios aparentes para que mais essa violência não fosse esquecida.

A privatização

Com a eleição de Collor de Mello, a década de 1990 no Brasil foi marcada pela rapinagem das privatizações das empresas e indústrias públicas. A CSN era um alvo em potencial, mas faltava um elemento de grande importância: o sindicalismo de conciliação de classes.

Então, em 1993, Força Sindical foi fundada em 8 de Março de 1991 e no ano seguinte derrotava a CUT em Volta Redonda conquistando um dos primeiros sindicatos operários de sua história.

Em 1993, a empresa foi privatizada pelo governo do então presidente Itamar Franco, que já havia demitido 70% dos funcionários da empresa. Na época, a chamada de "política de parcerias" retirava direitos dos metalúrgicos.